

Numa sintaxe pessoal

Journal do Brasil
17/10/88

Humberto Werneck

José Cardoso Pires lança livro que reavalia a alma lusitana

países também estão se encantando com as novas letras lisboetas.

O que, para ele, não é difícil de explicar. Em parte, acredita, isso se deve a atual crise do romance, que estaria levando os editores a voltar suas atenções para Portugal, onde, insiste, brota atualmente "uma literatura muito imaginativa do ponto de vista da estrutura". Os escritores do país, diz Cardoso Pires, libertaram-se finalmente de "certas modas internacionais, como o estruturalismo e o *nouveau roman*, coisas assim", e encontraram "um sistema de narrativa bem pessoal". Este seria, para ele, um traço a unir a diversificada produção dos melhores prosadores portugueses deste momento. Mas o boom, admite, comporta outras explicações. "Penso que por trás desse interesse há um fenômeno um pouco político", sustenta — e recorda que os portugueses estiveram "fechados a chave" por intermináveis cinquenta anos, sob um ditador que os apresentava como seres "orgulhosamente sós".

O isolamento permitiu que se formassem de Portugal a imagem de um país algo folclórico, pastoril, engastalhado no passado, cheio de simplórios encantos *fin-de-siècle*. No Brasil, acusa Cardoso Pires, essa idéia, fabricada pelos políticos de Lisboa, era alimentada pelo que chama de "comendadores" — os figurões que falavam pela colônia lusitana. Alegando não se lembrar de nomes, ele cita o caso do Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, "que hoje tem duas ou três pessoas respeitáveis, mas que durante meio século foi dominado pela pior

casta". O panorama, felizmente, está mudando: "neste momento, por exemplo, há 17 mil jovens brasileiros em Portugal, e quando eles voltarem vão desfazer o mito do país estratificado que os comendadores construíram".

A Revolução dos cravos não somente trouxe a luz uma literatura subterrânea, que de fato recheava as gavetas — ao contrário do que se passou no Brasil, onde elas estavam constringedoramente vazias no final da ditadura — como, sobretudo, estimulou a criação. "Com o 25 de abril eu passei, realmente, a ser escritor", conta Cardoso Pires, que até então sobrevivia de ofícios diversos e que chegou a ser preso, em 1953, por causa de um livro cujo título inocente — *Histórias de amor* não bastou para burlar a censura salazarista. Alguma coisa do que escrevia, diz, ficava na gaveta, e muitas outras, que poderiam interessar a Pide, a tenebrosa polícia política de Salazar, morreram antes de chegar ao papel. Desde 1976, ele está podendo viver, exclusivamente, de literatura, casado, duas filhas já criadas, passa a maior parte do tempo em sua casa numa praia, Caparica, onde recentemente terminou um novo livro, *A República dos Corvos*, série de "histórias de animais que são como metáforas do Portugal de hoje", a sair em Lisboa no próximo Natal.

Longe de ser um admirado do atual primeiro-ministro português, o conservador Cavaco Silva, "que nada fez pelo 25 de abril", é um tanto decepcionado com o destino que se deu a algumas das melhores esperanças da Revolução dos cravos, o romancista, homem de esquerda, reconhece que em Portugal se tem hoje, pelo menos, "uma democracia liberal, onde o direito de expressão tem sido respeitado". E avalia: "não é pouco".

ÀO PAULO — Quase quinze anos depois da Revolução dos cravos, a 25 de abril de 1974, os escritores portugueses ainda acertam contas com o século de sufocante ditadura salazarista. E, nesse esforço de autópsia, vão lendo alguns dos textos mais fascinosos da moderna literatura ocidental como o romance *Alexandra Alpha*, de José Cardoso Pires, publicado há um ano em Lisboa, com enorme sucesso de crítica e vendas (63 mil exemplares), e agora no Brasil, e cuja ação se passa pouco tempo e logo após o 25 de abril. Autor de outros livros, dois dos quais editados pela Civilização Brasileira — os romances *O delfim* e *Balada da praia dos reis* —, Cardoso Pires chegou a São Paulo na manhã de sábado para lançar *Alexandra Alpha*. Vai autografá-lo também no Rio (quinta-feira, às 20h, na Livraria da Cultura, no Shopping Center da Gávea) e em Brasília. Depois, em Manaus, toma um barco e realiza o velho sonho de chegar ao rio Amazonas.

É a quinta ou sexta visita deste homem simpático e atarracado, de 63 anos, completados no início do mês. Esteve aqui pela primeira vez em 1960, por quatro meses, fugindo da borduna do regime de António de Oliveira Salazar. Entre as lembranças de agora, depara com o crescente interesse do leitor brasileiro pela literatura portuguesa recente, na qual ele próprio, ao lado de José Saramago (*A grande pedra* e *O ano da morte de Ricardo Reis*, entre outros celebrados romances), ocupa a primeiríssima linha. Conhecido hoje em praticamente toda a Europa, o autor de *Alexandra Alpha* lembra que não é só o Brasil — muitos outros